

# “Vou ficar desonline até o ano que vem”: uma análise morfossemântica do construto *desonline*

*“I’m going to stay desonline until next year”: a morphosemantic analysis of the construct desonline*

Brendha Portela Camargo  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
[brendhaportela@letras.ufrj.br](mailto:brendhaportela@letras.ufrj.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-0778-5851>

## RESUMO

Tradicionalmente, o prefixo “des-”, no português brasileiro, é associado a significados de separação, negação ou ação contrária. A criação do termo *desonline*, no entanto, desafia essa definição, uma vez que parece denotar a negação da condição de estar online ou conectado à internet. Tendo isso em vista, este estudo investiga a origem do construto, sugerindo que *desonline* é resultado de uma derivação prefixal híbrida, devido à sua base estrangeira (Ferreira, 2021). Além de propor uma análise morfossemântica para o construto, o artigo faz uma comparação entre *desonline* e *off-line*, destacando que, embora compartilhem traços semânticos, não são sinônimos perfeitos. A pesquisa, portanto, busca contribuir para a compreensão dos processos morfológicos na língua portuguesa, especialmente no contexto de neologismos e construtos derivados.

**Palavras-chave:** desonline; derivação prefixal; morfologia construcional; princípio da não sinonímia.

## ABSTRACT

Traditionally, the prefix “des-”, in Brazilian Portuguese, is associated with meanings of separation, negation, or contrary action. However, the creation of the term *desonline* challenges this definition, as it appears to denote the negation of the condition of being online or connected to the internet. Based on this, the present study investigates the origin of the construct, suggesting that *desonline* is the result of a hybrid prefix derivation, due to its stem’s foreign origin (Ferreira, 2021). In addition to proposing a morphosemantic analysis for the construct, the article compares *desonline* and *off-line*, emphasizing that, although they share semantic traits, they are not perfect synonyms. Thus, the research aims to contribute to the understanding of morphological processes in Portuguese, particularly in the context of neologisms and derived constructs.

**Keywords:** desonline; prefix derivation; constructional morphology; non-synonymy principle.

## INTRODUÇÃO

As gramáticas tradicionais (GTs), convencionalmente, atribuem ao prefixo *des-* o sentido de separação, negação ou ação contrária (Bechara, 2009; Cunha; Cintra, 2001). Esse item tem sido associado, quase exclusivamente, a bases adjetivais (como em *desleal*) e verbais (como em *desfazer*), cujo polo semântico carrega, respectivamente, um “valor negativo” e um “valor de oposição” (Mateus *et al.*, 2003, p. 965). A partir dessas definições, casos como (1-3), abaixo, surpreendem pelo fato de extrapolarem as descrições tão categóricas delineadas para o prefixo *des-* pela tradição gramatical.

- (1) Estou desonline hoje.
- (2) Eu fico desonline por uns dias, mas atenta e observando.
- (3) Preciso ficar desonline essa semana ou morrerá.

Nos exemplos acima, o prefixo *des-* é anexado à palavra *on-line*, que originalmente significa estar conectado ou disponível na internet<sup>1</sup>. A combinação desse afixo com a palavra *on-line* resulta em *desonline*, que pode ser interpretada, então, como a negação da condição de estar *on-line* ou conectado à internet. A criação do construto *desonline* é intrigante por diversos motivos, especialmente pela adjunção, nada convencional, do prefixo *des-* a uma forma livre proveniente do inglês. Além disso, *desonline* passa a concorrer com a forma aparentemente sinônima *off-line*<sup>2</sup>, também importada da língua inglesa.

Com base nisso, buscamos, neste artigo, propor uma análise morfossemântica para o construto *desonline*, a partir de dados retirados da rede social *X* (conhecida como *Twitter* até meados de 2023). Para isso, recorreremos ao modelo conhecido como Morfologia Construcional (MC; Booij, 2010), partindo do pressuposto central de que a estruturação interna das palavras também é motivada pelo uso e pela frequência. Em

---

<sup>1</sup>O dicionário Michaelis oferece as seguintes definições para “on-line”: (i) como adjetivo: “Diz-se de computador ou de seu usuário conectado a outro computador, a uma rede local ou à internet, que lhe permite o acesso a consultas e informações, e o envio e recebimento de mensagens”; e (ii) como advérbio: “Em conexão com”. Estas podem ser acessadas pelo link <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=QwnnE>.

<sup>2</sup>A definição do adjetivo “off-line” no dicionário Michaelis é “Sem conexão com um computador ou com a internet”: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=off-line>.

relação à origem do construto, argumentaremos em favor da ideia de que *desonline* é fruto de um processo de derivação prefixal híbrida, como já apontou Ferreira (2021). Por fim, apoiando-nos no princípio da não sinonímia (Goldberg, 1995; 2006), argumentaremos que, embora *desonline* e *off-line*<sup>3</sup> compartilhem diversas propriedades semânticas, não é possível defender que sejam formas sinônimas e completamente intercambiáveis – já que, se duas formas diferem formalmente, elas devem também diferir semântica ou pragmaticamente (Goldberg, 1995).

Este artigo está organizado como segue. Com o objetivo de apontar os pressupostos teóricos utilizados para a descrição e a análise da formação *desonline*, apresentaremos, na seção 1, o campo da Morfologia Construcional e o princípio da não sinonímia. Em seguida, explicitaremos a metodologia aqui adotada, na seção 2. Na sequência, na seção 3, será proposta uma análise morfossemântica do objeto investigado e, por fim, na seção 4, faremos uma síntese do trabalho, destacando suas principais contribuições para os atuais estudos morfológicos.

## **ARCABOUÇO TEÓRICO: MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL E PRINCÍPIO DA NÃO SINONÍMIA**

A Gramática de Construções (GC) nasceu na década de 1980, na Universidade da Califórnia, campus de Berkeley, por meio das contribuições significativas de autores como Charles Fillmore, Paul Kay e George Lakoff (Fillmore, 1985; Fillmore; Kay; O’connor, 1988; Lakoff, 1987). O advento da GC pode ser considerado uma resposta ao modelo conhecido como dicionário-e-gramática (Hilpert, 2014), amplamente aceito pela tradição gerativa, segundo o qual o conhecimento linguístico do falante é composto por dois componentes distintos em natureza: um inventário de unidades (léxico) e um sistema derivacional (gramática). Alguns estudiosos argumentam que um modelo com essas características enfrenta dificuldades para lidar com esquemas gramaticais simultaneamente idiomáticos e produtivos (Fillmore; Kay; O’connor, 1988) – uma vez

---

<sup>3</sup>Reconhecemos que as palavras *off-line* e *on-line* têm duas possibilidades de grafia, com e sem hífen. Aqui, ao longo do texto, utilizaremos a primeira forma, considerando as normas ortográficas do português.

que tais esquemas não podem ser facilmente acomodados nem no léxico, devido à sua produtividade, nem na gramática, devido à sua idiomaticidade.

Nesse contexto, a abordagem construcional se apresenta como uma alternativa a essa divisão rígida entre léxico e gramática, propondo a concepção do conhecimento linguístico como uma rede hierárquica altamente estruturada de unidades simbólicas, chamadas de construções gramaticais. Em essência, a GC é um modelo teórico que postula que o conhecimento linguístico pode ser caracterizado exclusivamente em termos de construções gramaticais, isto é, pareamentos de forma (informações morfossintáticas, fonológicas e prosódicas) e significado (informações semânticas, discursivas e pragmáticas). Isso resulta em uma arquitetura gramatical constituída por construções "de cima a baixo" (Goldberg, 2006, p. 18).

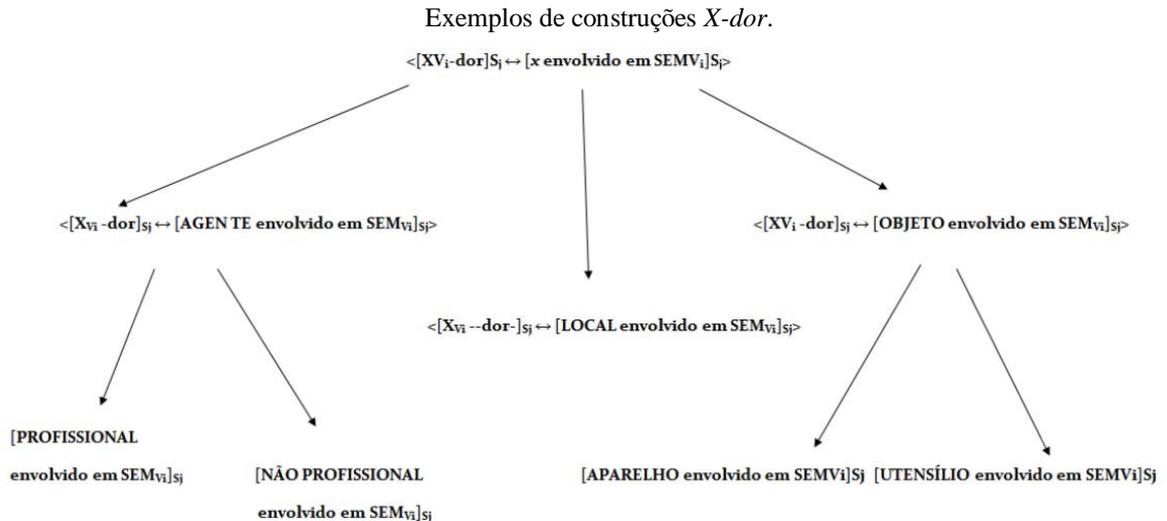
Vale ressaltar que todas as construções gramaticais, embora sejam compostas por dois polos, um para informações de forma e outro para informações de significado, não são idênticas entre si. No que diz respeito ao polo formal, algumas construções apresentam sequências fonológicas – como palavras isoladas (como *televisão*) –, expressões fixas (como *chutar o balde*) e padrões morfológicos ou sintáticos semipreenchidos, como o prefixo *re-* seguido de uma base verbal (*rever, refazer*). Em relação ao significado, algumas construções expressam informações semânticas, como a cena evocada pelo padrão sujeito-verbo-objeto (SVO), em que um agente realiza uma ação sobre um paciente (como em *Maria quebrou o copo*), enquanto outras expressam informações de cunho pragmático, como o valor interrogativo associado ao padrão entoacional ascendente (como em *Você bebeu a água?*).

Além disso, de acordo com a GC, as construções gramaticais se organizam em uma rede construcional, frequentemente denominada *constructicon*, o que enfatiza a ideia de que as construções devem ser concebidas e representadas como unidades interconectadas. Embora haja divergências quanto aos tipos específicos de inter-relações que regem as construções, todas as variantes da GC atribuem importância central às relações taxonômicas, que se baseiam nos graus de generalidade (construções mais gerais ou abstratas) e especificidade (construções mais específicas ou concretas) das construções gramaticais. No discurso, as construções abstratas se instanciam por meio de ocorrências específicas, os *construtos*.

Nessa esteira, Geert Booij, em 2010, propôs o modelo conhecido como Morfologia Construcional (MC), com a publicação de *Constructional Morphology*. Aliando-se à agenda da LC, a MC é uma abordagem teórica que se concentra na análise e na descrição de unidades morfológicas complexas, chamadas de construções, definidas como “interseções de níveis diferentes da língua organizadas hierarquicamente por meio de ligações por herança em uma espécie de rede ou teia” (Gonçalves; Almeida, 2014, p. 178). Essa abordagem, então, busca entender a estrutura, o significado e o funcionamento dessas construções morfológicas e como contribuem para a formação de palavras e para a organização do sistema linguístico.

Esse modelo de descrição morfológica não trata apenas das construções no nível da palavra, mas também das construções frasais com propriedades típicas de palavras (Booij, 2010). Essa abordagem, por enfatizar as propriedades idiossincráticas das construções, que não podem ser completamente explicadas por meio de regras gerais, acaba por se tornar uma boa ferramenta para a descrição de “processos morfológicos instáveis, que não se encaixam perfeitamente nos padrões canônicos da composição e da derivação” (Gonçalves, 2016, p. 8).

Booij (2010) também desenvolve uma proposta de léxico estruturado por redes hierárquicas, a partir da qual os esquemas morfológicos são representados por meio de estruturas arbóreas – contendo, então, esquemas construcionais mais gerais que abarcam outros subesquemas mais específicos. Nesse sentido, como descreve Simões Neto (2017), diante de um conjunto de palavras formadas pelo esquema *X-dor*, como *cobrador*, *tatuador*, *ventilador*, *liquidificador*, *provador* e *corredor*, podemos identificar esquemas morfológicos de agente (*cobrador*, *tatuador*), objeto (*ventilador*, *liquidificador*) e local (*provador*, *corredor*). Dentro desses grupos, também é possível definir subgrupos, nos quais se especificam os agentes profissionais (*cobrador*, *tatuador*, *varredor*) e os agentes não profissionais (*agitador*, *fraudador*, *destruidor*), por exemplo. Além disso, também há subgrupos que se referem a objetos como aparelhos (*ventilador*, *liquidificador*, *secador*) e utensílios (*pregador*, *borrifador*, *cortador*).



Fonte: Simões Neto: 2017, p. 470.

Essa proposta de uma estrutura lexical hierárquica, delineada por Booij, torna-se evidente por meio das redes ativadas durante o uso de esquemas morfológicos, “conceito basilar que diz respeito à generalização feita sobre um conjunto de palavras complexas existentes, permitindo ao falante interpretar e criar novos itens lexicais” (Simões Neto, 2017, P. 471). A proposta de Booij, portanto, tem como objetivo descrever de forma abrangente e sistemática a complexidade do léxico e a variedade de processos morfológicos que ocorrem em uma língua.

Este artigo, no entanto, não pretende desenvolver uma proposta de esquematização para o prefixo *des-*; na verdade, nosso propósito é descrever suas características semântico-pragmáticas e discutir possíveis motivações para a sua origem.

Antes de nos aprofundarmos na análise desse construto, no entanto, é necessário descrevermos o princípio da não sinonímia (Goldberg, 1995; 2006). Esse princípio, proposto por Adele Goldberg em 1995 e desenvolvido posteriormente em 2006, desafia a visão tradicional de sinônimos na linguística, uma vez que defende que palavras aparentemente sinônimas não podem ser inteiramente intercambiáveis. Para a autora, se duas construções são formalmente distintas, elas devem ser também distintas semântica ou pragmaticamente. Isso sugere, então, que um mesmo significado não pode ser expresso por duas formas distintas, ainda que uma mesma forma possa transmitir significados diferentes.

Debruçando-se sobre a natureza do significado construcional, Goldberg (1995) argumenta que as construções geralmente estão ligadas a uma variedade de sentidos

relacionados, em vez de um único sentido abstrato e imutável. Nesse sentido, cada construção tem um "perfil semântico" que inclui informações diversas, como a frequência de uso em diferentes contextos e as relações semânticas específicas. De maneira geral, de acordo com esse princípio, se há diferenças entre os polos formais de duas ou mais construções, naturalmente há diferentes funções comunicativas associadas a elas.

Goldberg ilustra essa proposta por meio da comparação entre a construção bitransitiva e a construção dativa. Segundo a autora, *John gave Mary na apple* ("John deu a Mary uma maçã") e *John gave na apple to Mary* ("John deu uma maçã para Mary") têm significados similares, pois se referem ao mesmo evento no mundo, mas diferem pragmaticamente – essa diferença pragmática pode ser atribuída, fundamentalmente, à estrutura informacional (Lambrecht, 1994). O primeiro caso responderia apropriadamente à pergunta "O que John deu a Mary?", por exemplo, em que John assume a função de tópico, enquanto o foco recai sobre o item que foi dado a Mary (a maçã; informação nova). Por outro lado, *John gave an Apple to Mary* seria uma boa resposta à pergunta "A quem John deu uma maçã?" – nesse caso, a maçã se torna o tópico, enquanto o foco recai sobre Mary.

Por fim, este princípio constitui um importante avanço teórico para os estudos em gramática de construções, uma vez que, a partir dele, são enfatizadas as propriedades semântico-pragmáticas de cada nó que integra a rede construcional do falante. Na seção 3 deste artigo, nos basearemos neste princípio ao propor uma distinção semântica entre as formas *desonline* e *off-line*.

## METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos delineados previamente, foi composta uma amostra formada por 70 dados retirados da rede social *X* (conhecida como *Twitter* até julho de 2023), 35 do construto *desonline* e mais 35 de *offline/off-line*. Julgamos que o *X* seria uma fonte de busca mais produtiva em comparação aos demais corpora anotados já disponíveis, tendo em vista o caráter inovador do item investigado. Durante o processo de coleta e análise dos dados, foi possível observar não apenas os tuítes em que o

construto estava presente, mas também tuítes anteriores, os perfis dos usuários e as *hashtags* utilizadas, que forneciam importantes informações cotextuais e contextuais.

A ferramenta avançada de busca da rede social desempenhou um papel crucial na viabilização da busca por construtos, permitindo uma coleta de dados mais rigorosa. Através dessa ferramenta, foi possível especificar a busca utilizando cinco parâmetros distintos: contas, filtro, engajamento, palavras e data. O parâmetro "contas" possibilitou a busca por tuítes feitos por usuários específicos ou que mencionassem/respondessem a perfis determinados. Já o parâmetro "filtro" permitiu a especificação de que o tuíte buscado fosse obrigatoriamente uma resposta a outro tuíte ou que citasse algum link. No entanto, para essa pesquisa em particular, julgou-se que nenhum desses parâmetros era relevante e, portanto, não foram utilizados.

Dessa forma, apenas os filtros "palavras" e "data" foram configurados. Através do parâmetro "palavras", foram especificadas as palavras que deveriam aparecer nos resultados, bem como a ocorrência contígua das palavras e o idioma (português). Foi configurada a busca para gerar resultados nos quais aparecesse a palavra *desonline*. No que diz respeito ao idioma, a ferramenta de busca da plataforma não oferece uma maneira de restringir a busca ao português brasileiro, o que exigiu uma pesquisa nos perfis individuais para verificar se os dados eram de fato produzidos por falantes brasileiros. Nesses casos, procuramos por traços lexicais e sintáticos de outra variedade nos demais tuítes, a fim de inferir a variedade utilizada.

Além disso, utilizamos o filtro "data" para delimitar temporalmente a busca. Filtramos a busca entre os dias 01/01/2023 e 31/01/2023, a fim de atingirmos um número de dados considerado suficiente para tratar das diferentes possibilidades de uso e estabelecer generalizações semânticas para o construto investigado. Utilizando esse recorte temporal, foi realizada, primeiramente, uma busca pela palavra *desonline* e, posteriormente, duas outras buscas, pela palavra *off-line/offline*, com e sem o hífen.

## **ANÁLISE DO CONSTRUTO *DESONLINE***

O prefixo *des-* tem sua origem na língua latina – mais especificamente, deriva do prefixo *dis-* (Cunha, 1986) ou da junção das preposições *de* e *ex* (Ferreira, 2004). Por ser um dos prefixos negativos mais comuns no português brasileiro (PB), o *des-* tem

sido alvo constante de investigação dos estudos linguísticos, em razão, sobretudo, do seu aspecto polissêmico e da sua produtividade. Para as gramáticas normativas, o prefixo *des-* carrega o sentido de separação, ação contrária – como nos verbos *desviar* e *desfazer* (Cunha; Cintra, 2001, p. 85). Nessa esteira, Bechara (2009, p. 384) atribui a esse afixo noções muito similares, independentemente do tipo de base a que se adjunge, de “negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade”.

Além desses, Mira Mateus, em uma breve análise descritiva sobre o prefixo *des-*, o categoriza morfossemanticamente como um item opositivo, usando o verbo *desligar* como exemplo. A autora ainda divide essa classificação em duas: segundo ela, o *des-* carrega um “valor negativo” quando associado especificamente a bases adjetivais e, quando associado a verbos, carrega um “valor de oposição” (Mateus *et al.*, 2003, p. 965).

Ainda discorrendo sobre a flexibilidade morfossemântica desse afixo, Medeiros (2010), à luz da Morfologia Distribuída, questiona o tratamento proposto por Silva e Miotto (2009), que, por sua vez, hipotetizam em favor da existência de dois prefixos *des-*: um que se combina com verbos, indicando reversão de um processo (como em *desfazer*, *desconectar* e *descombinar*), e outro que se combina com adjetivos, indicando negação (como em *desnecessário*, *desleal* e *desumano*). Para Medeiros, no entanto, o prefixo *des-* não está restrito a essas categorias morfosintáticas específicas, uma vez que pode se associar a verbos (*descolar*), nomes (*desafeto*) e adjetivos (*descontente*).

De acordo com Oliveira (2009), o prefixo *des-* também se combina com um número limitado de substantivos primitivos abstratos, resultando em substantivos derivados que expressam a “ausência ou falta de X”, em que X é o substantivo abstrato em questão. As palavras que se associam ao prefixo *des-* possuem a função de nomeação ou designação – desse mecanismo, surgem formações como *desamor*, *desânimo* e *desatenção*, que apresentam diferentes padrões morfosintáticos. Esse prefixo também se combina com um pequeno número de adjetivos primitivos, o que resulta em derivações como *desleal*, *descontente*, *desonroso*, *desordeiro* e *desfavorável*, adicionando ao adjetivo o sentido de “negação” ou “contrário de” (Oliveira, 2009).

Tendo em vista o que a tradição gramatical e a literatura em morfologia têm observado acerca do prefixo *des-*, é razoável dizer que a formação *desonline* pode causar certo estranhamento – não por se adjungir a *on-line*, considerando que a junção

do prefixo *des-* a uma base adjetival é previsível, mas por parecer, em alguns casos, expressar um sentido de reversão – como ocorre em alguns verbos, como *desenroscar*, uma vez que é concretizável a tarefa de enroscar uma tampa, por exemplo, e em seguida realizar a ação contrária de desenroscá-la. Interessantemente, o mesmo ocorre em alguns casos de *des-* quando adjungido a uma base verbal. Quando esse afixo se une ao verbo *ver*, por exemplo, é gerado um novo verbo, *desver*, cujo conteúdo semântico envolve a noção de “ação revertida”; esse verbo, no entanto, não é reversível (já que não se pode deixar de ver algo que foi visto). O mesmo ocorre com *desouvir* e *descomer*, o que diz muito sobre a flexibilidade morfossemântica desse prefixo.

Em relação ao *desonline*, a leitura de reversão de ação é ainda mais intrigante, justamente porque não é possível reverter a “condição de on-line”<sup>4</sup>, por assim dizer, exatamente pelo fato de o item ao qual o afixo se adjunge (*on-line*) não ser um verbo (e, por isso mesmo, não ser capaz de designar uma ação que pode ser desfeita). Por outro lado, outros usos desse construto, como veremos à frente, parecem se afastar da semântica de “reversão” e se aproximar das noções de “negação” e “oposição”.

Vejam os exemplos (4-7) abaixo:

- (4) Off muito off desonline cansada completamente desligada exausta e sem paciência.
- (5) To me sentindo permanentemente filosoficamente metaforicamente literalmente não ironicamente subitamente realmente desonline de tudo e todos.
- (6) É, tô achando que vou ficar desonline.
- (7) Pediu minha bicicleta emprestada eu fico logo desonline.

O uso de *desonline* nos exemplos (4-7) parece designar atitudes e sentimentos ligeiramente distintos entre si. Em (4), por exemplo, o falante explicitamente associa *desonline* aos sentimentos/estados de cansaço, exaustão e falta de paciência. Em (5), ocorre algo similar: o indivíduo afirma estar “desonline de tudo e todos”, o que indica

---

<sup>4</sup>Vale mencionar que nenhuma definição formal foi encontrada para o termo *desonline*. A única descrição encontrada foi oferecida pelo Dicionário Informal (<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/desonline/23990/>): “que não está online ou que deixou de estar online; usado quando a pessoa está de ressaca ou cansada de algo”.

distância, afastamento. Em (4) e (5), então, o falante parece utilizar o termo para expressar um estado de “indisponibilidade” – causado, provavelmente, por um sentimento de cansaço exacerbado. Em ambos os dados, o *des-* parece desempenhar uma função de negação – negando, portanto, a condição de estar on-line, ou, ainda, indicando que o indivíduo se encontra num estado exatamente oposto a “on-line”<sup>5</sup> (portanto, *desonline*). Nesses casos, nota-se, *desonline* parece atuar de maneira semelhante aos seguintes usos de *off-line*:

- (8) *Tooffline*pra sempre chega.
- (9) Hoje eu to completamente *offline* mano, só uma festa no centro com as melhores do hip hop 90s pra me animar pprrt.
- (10) A mãe ta completamente *offline* e exausta posjob.

Os casos acima, (8-10), parecem se aproximar semanticamente dos usos observados em (4) e (5). Aqui, os falantes também parecem usar o termo *off-line* para especificar uma espécie de negação ao estado “on-line”. Uma evidência que fortalece essa suposição é o uso de “off” e “muito off”, em (4), associado a *desonline*. Retomaremos essa discussão mais à frente, quando traçarmos as principais diferenças entre *desonline* e *offline*.

Já em (6) e (7), o emprego desse construto nos revela novas informações acerca do seu conteúdo semântico. Esses casos, diferentemente dos anteriores, se aproximam mais do valor de “ação contrária”, tipicamente atribuído ao prefixo *des-* quando adjungido a bases verbais. Nesses exemplos, o uso de *desonline* parece pressupor o desfazimento de uma ação – nesse caso, “ficar on-line” –, que, por sua vez, resulta em um novo estado – “ficar desonline”. Comparando (4-5) e (6-7), vemos que, superficialmente, ambos os usos são muito semelhantes, isto é, sugerem uma negação ou inversão da condição de estar on-line. No entanto, para além disso, os últimos

---

<sup>5</sup>É importante ressaltar que, na maioria dos casos observados aqui, *on-line* é entendido num sentido mais amplo, isto é, extrapolando as definições típicas para o termo, que são, geralmente, restritas ao campo da tecnologia (i.e., “estar conectado à internet”). A *on-line* pode ser atribuído um sentido metafórico de “disponibilidade” ou “acessibilidade”, por exemplo.

parecem envolver uma camada pressuposicional<sup>6</sup>, uma vez que proferir uma sentença como “É, tô achando que vou ficar desonline”, por exemplo, pressupõe a existência de um estado anterior em que o indivíduo estivera on-line, que, por sua vez, foi desfeito e resultou em uma nova condição (desonline).

Além disso, alguns dados coletados revelam que o próprio falante reconhece esse construto como um item novo, recém-formado:

- (11) Desonline virou um termo utilizável.
- (12) Acabei de ver alguém falando desonline em vez de offline.  
Vou usar.
- (13) Eu só queria ficar “desonline” por mais ou menos uma semana da face da terra.
- (14) Depois dessa eu vou passar uma semana “desonline”.

Em (11), percebemos que o falante reconhece a existência desse novo construto, constatando que *desonline* passou a ser “utilizável”. O mesmo ocorre em (12), quando o indivíduo relata ter visto (provavelmente pela primeira vez) a ocorrência desse construto. Ainda em (12), vemos que o falante faz uma comparação entre *desonline* e *off-line*, indicando que o primeiro estaria, de alguma forma, substituindo o segundo – logo, notamos que a proximidade semântica entre os dois itens é notada com facilidade pelo falante. Em (13) e (14), a palavra *desonline* aparece entre aspas, o que configura mais uma evidência em favor da ideia de que os falantes reconhecem que esse é um derivado recente (e até mesmo ainda bastante desconhecido) no PB.

A respeito da origem desse construto, Ferreira (2021), ao estudar diferentes neologismos presentes na variedade de Belo Horizonte, enquadrou o *desonline*, num primeiro momento, como um “possível neologismo”. Posteriormente, o autor definiu esse item como um neologismo formado por derivação prefixal híbrida – considerando a sua base estrangeira, de origem inglesa. Segundo ele, o afixo “carrega traços semânticos que adjetivam a base e não altera sua categoria lexical”; logo, se, como

---

<sup>6</sup> A noção de pressuposição aqui adotada é *pragmática*, que pode ser entendida como a proposição léxico-gramaticalmente evocada, a qual o ouvinte “já conhece ou está pronto para pressupor no momento em que a sentença é proferida” (Lambrecht, 1994, p. 52, tradução nossa).

falantes, soubermos o significado de *online*, “conhecemos também os produtos *des-X* atuantes sobre essas palavras” (Ferreira, 2021, p. 111).

Basilio (1999) explica que recorremos ao mecanismo de prefixação quando desejamos formar uma nova palavra que esteja semanticamente relacionada à palavra-base. Nesse sentido, a derivação prefixal permite a criação de palavras com significados associados (porém não idênticos) ao conteúdo semântico da base, ampliando nosso inventário de construções. Os dados observados demonstram que o prefixo *des-* é altamente produtivo devido aos processos polissêmicos associados a ele, que permitem identificar uma variedade de significados relacionados ao afixo.

Além disso, como dito na introdução deste trabalho, um de nossos objetivos é traçar as principais diferenças morfossemânticas entre os itens *desonline* e *off-line*, com o intuito de mostrar, a partir do princípio da não sinonímia, que não são sinônimos perfeitos. Mais acima, comparamos os exemplos de *desonline*, em (4-5), com os de *off-line*, em (8-10). Em (15-16), abaixo, vemos outros dois casos em que esses dois itens se aproximam semanticamente: ambos parecem indicar a mesma noção de “desconexão com a internet”, ou, em outras palavras, “não on-line”.

- (15) Então, hoje eu vou ir pra minha vó no meio do nada e lá não tem internet então eu vou ficar desonline aqui hoje, tá?! Até depois, amigos.
- (16) Sumir, se distanciar, ficar off-line, se desligar, é bom demais. Muitas vezes, nós precisamos do silêncio pra ouvir mais o nosso coração.

Mais acima, vimos que o conteúdo semântico de *desonline* também parece abarcar a noção de “ação contrária”, pressupondo a cessação de um estado prévio (online), que acarreta um novo estado (desonline). Essa mesma leitura, contudo, não pode ser feita a partir da análise dos dados (17-20), abaixo, que apresentam características semânticas substancialmente distintas daquelas observadas anteriormente para o construto *desonline*:

- (17) Quanto mais off-line você viver, mais as coisas darão certo! Reflita.
- (18) A vida offline é muito melhor, vou aderir por um tempo e quem quiser me achar que me procure ou mande uma carta, eu tô vivendo.

- (19) Ontem, a Microsoft anunciou a demissão de 10 mil funcionários. Hoje, o Google anuncia que vai cortar 12 mil funcionários. Fora do mundo online, o offline sofre.
- (20) Me rendi ao deezermodapk só pq da pra baixar as musicar e ouvir elas no modo off-line.

Os empregos de *offline/off-line* nos exemplos acima fazem oposição ao significado mais prototípico de *on-line*, qual seja, “estar conectado ou disponível na internet/nas redes sociais”. Vejamos: os exemplos (17-19) fazem uma comparação entre o “mundo on-line” e o “mundo off-line”, a fim de expressar diferentes perspectivas sobre esses dois modos de vida (isto é, com e sem o acesso contínuo às redes sociais e demais serviços online). Em (20), há uma comparação feita entre a possibilidade de baixar e ouvir músicas no modo off-line, em contraste com a necessidade de estar on-line para acessar e reproduzir as músicas em tempo real. É interessante notar que nesse contexto, em particular, não seria natural uma substituição do *off-line* por *desonline*.

Com base nos exemplos observados, pode-se defender que as formas *desonline* e *off-line* não são sinônimas, apesar de compartilharem semelhanças morfossemânticas. Como vimos, embora ambas evoquem a ideia de “negação do estado on-line”, há diferenças suficientemente robustas que reforçam a hipótese da não sinonímia, nesses casos. Como vimos, é possível defender que o construto *desonline* envolve pressuposição, uma vez que, ao ser usado, pressupõe a existência de um estado prévio em que o indivíduo estivera on-line e que foi desfeito, o que, por fim, resultou em uma nova condição (o estado “desonline”). Vimos também que o termo *off-line* é constantemente usado para se referir à dimensão virtual, o que não ocorre com o construto analisado neste artigo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs uma análise para o construto *desonline*, explorando suas características morfossemânticas e discutindo possíveis motivações para sua origem. A análise dos 70 dados coletados no X revelou que *desonline* é utilizado de forma diversa. Em alguns casos, o prefixo *des-* parece expressar negação ou oposição ao estado "on-

line", indicando uma falta de disponibilidade ou afastamento. Em outros casos, sugere uma reversão de uma ação prévia, resultando em um novo estado. Além disso, alguns exemplos mostraram o reconhecimento dos falantes de que *desonline* é uma forma derivada bastante recente, que parece competir com *off-line*.

A comparação entre *desonline* e *off-line* demonstrou que esses termos não são sinônimos perfeitos. Embora possam compartilhar algumas propriedades semânticas, há diferentes nuances associadas a essas formas, em diferentes contextos. Enquanto *desonline* é mais associado à negação, oposição ou reversão de um estado prévio, *off-line* é frequentemente utilizado para designar contraste com o estado "on-line", expressando uma desconexão com a internet ou uma perspectiva diferente de interação com o mundo virtual.

A proposta aqui delineada, portanto, argumenta em favor do princípio da não sinonímia, proposto por Goldberg (1995; 2006), defendendo que, embora *desonline* e *off-line* aparentem ser intercambiáveis, suas idiosincrasias apontam para a impossibilidade de sinonímia perfeita entre as duas formas. Em suma, este estudo busca contribuir para os estudos morfológicos e construcionais do PB, ao propor uma breve descrição do construto *desonline*.

## REFERÊNCIAS

- BASILIO, M. *A morfologia no Brasil: Indicadores e Questões*. DELTA. Vol. 15, n. especial, 1999.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOOIJ, G. E. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2001.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio eletrônico*. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, P. R. S. *Neologismos e processos lexicais criativos: a produtividade lexical sob a ótica da linguística cognitiva e gerativa*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. p. 158. 2021.

FILLMORE, C. J. Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction. *Proceedings of the 11th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1985, pp. 73-86.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O’CONNOR, C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, 63, 3, 1988. p. 501-538.

GOLDBERG, A. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, v. 58, n. 1, p. 165-193, 2014.

GONÇALVES, C. A. Uma análise construcional dos splinters não nativos em uso no português do Brasil. *Scripta*, v. 20, n. 38, p. 98-120, 2016.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its Applications to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University Press, 1987.

LAMBRECHT, K. *Informational structure and sentence form: topic, focus and the mental representation of referents*. Cambridge: University Press, 1994.

MATEUS, M. H. M. *et al. Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MEDEIROS, A. B. de. Para uma abordagem sintático-semântica do prefixo des. *Revista da ABRALIN*, 2010.

OLIVEIRA, S. M. *et al. Aspectos da derivação prefixal e sufixal no português do Brasil*. Universidade Federal de Santa Catarina. Tese de Doutorado. 2009.

SILVA, M. C.; MIOTO, C. *Considerações sobre a prefixação*. *ReVEL*, v. 7, n. 12, 2009.

SIMÕES NETO, N. A. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. *Domínios da Linguagem*, v. 11, n. 3, p. 468-501, 2017.

Recebido em: 31/10/2023

Aceito em: 05/12/2023

**Brendha Portela Camargo:** Mestre e doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/CAPES).